

The background of the book cover is a complex geometric pattern. It features a grid of light blue lines on a white background. Overlaid on this grid are various shapes in shades of green and yellow, including triangles, hexagons, and larger irregular polygons. The colors range from a pale lime green to a deep forest green, with some bright yellow accents. A large, white rectangular box with a thin black border is centered on the cover, containing the title text.

Livros de Poemas

Quinhentismo

Poemas de José de Anchieta

Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus,

Nestas palhas encostado?

- Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui formoso,

Pois que sois suma riqueza,

Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso

E de graça mui colmado,

Jazo aqui por teu pecado.

- Pois que não cabeis no céu,

Dizei-me, santo Menino,

Que vos fez tão pequenino?

- O amor me deu este véu,

Em que jazo embrulhado,

Por despir-te do pecado. - Ó menino de Belém, Pois

sois Deus de eternidade, Quem vos fez de tal idade? -

Por querer-te todo o bem E te dar eterno estado, Tal

me fez o teu pecado.

Barroquismo

Todo

O todo sem a parte não é todo; A parte sem o todo não é parte; Mas se a parte o faz todo sendo parte, Não se diga que é parte, sendo todo.

Gregório de Matos Guerra

Arcadismo

Trechos de O Uruguai

Canto I

Fumam ainda nas desertas praias
Lagos de sangue tépidos e impuros
Em que ondeiam cadáveres despídos,
Pasto de corvos.

Dura inda nos vales

O rouco som da irada artilheria.

MUSA, honremos o Herói que o povo rude Subjugou do
Uruguai, e no seu sangue
Dos decretos reais lavou a afronta.

José Basílio da Gama

Romantismo

Arte de Amar

Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma.

A alma é que estraga o amor.

Só em Deus ela pode encontrar satisfação.

Não noutra alma.

Só em Deus - ou fora do mundo.

As almas são incomunicáveis.

Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.

Porque os corpos se entendem, mas as almas não.

Manuel Antônio de Almeida

Realismo

AUTOPSICOGRAFIA

O poeta é um fingidor.

Finge tão completamente

Que chega a fingir que é dor

A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,

Na dor lida sentem bem,

Não as duas que ele teve,

Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas da roda Gira, a entreter a razão,

Esse comboio de corda

Que se chama o coração.

Fernando Pessoa

Naturalismo

PORQUE MENTIAS?

Por que mentias leviana e bela?

Se minha face pálida sentias

Queimada pela febre, e se minha vida

Tu vias desmaiar, por que mentias?

Acordei da ilusão, a sós morrendo

Sinto na mocidade as agonias.

Por tua causa desespero e morro...

Leviana sem dó, por que mentias?

Sabe Deus se te amei! sabem as noites

Essa dor que alentei, que tu nutrias!

Sabe esse pobre coração que treme

Que a esperança perdeu por que mentias!

Vê minha palidez - a febre lenta

Esse fogo das pálpebras sombrias...

Pousa a mão no meu peito! Eu morro! Eu morro!

Leviana sem dó, por que mentias?

Álvares de Azevedo

Parnasianismo

Vaso Chinês

Estranho mimo aquele vaso! Vi-o, Casualmente, uma vez, de um perfumado

Contador sobre o mármore luzidio,

Entre um leque e o começo de um bordado.

Fino artista chinês, enamorado,

Nele pusera o coração doentio

Em rubras flores de um sutil lavrado,

Na tinta ardente, de um calor sombrio.

Mas, talvez por contraste à desventura,

Quem o sabe?... de um velho mandarim

Também lá estava a singular figura.

Que arte em pintá-la!

A gente acaso vendo-a,

Sentia um não sei quê com aquele chim

De olhos cortados à feição de amêndoa.

Alberto de Oliveira

Simbolismo

Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,

Pôs-se na torre a sonhar...

Viu uma lua no céu,

Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,

Banhou-se toda em luar...

Queria subir ao céu,

Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,

Na torre pôs-se a cantar...

Estava longe do céu...

Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu

As asas para voar. . .

Queria a lua do céu,

Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu

Ruflaram de par em par...

Sua alma, subiu ao céu,

Seu corpo desceu ao mar...

Alphonsus de Guimaraens

Modernismo

Pronominais

Dê-me um cigarro

Diz a gramática

Do professor e do aluno

E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco

Da Nação Brasileira

Dizem todos os dias

Deixa disso camarada

Me dá um cigarro.

Oswald de Andrade

Monitora: Anna Lara de Oliveira Souza

Escola: CEEP em Gestão e Negócios

Cidade: Seabra-BA

Série: 2 ano A

Curso: Finanças